
***Subúrbio* como categoria analítica nos estudos de cidade no Rio de Janeiro¹**

Fabiano Thomaz LACOMBE²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O artigo discute a utilização do termo subúrbio como categoria analítica para pesquisas urbanas na cidade do Rio de Janeiro. Assim, são construídos um breve histórico de sua utilização em pesquisas acadêmicas, bem como uma diferenciação para o termo periferia. Por fim, são analisados usos e deslocamento do termo na literatura acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: subúrbio; periferia; categoria nativa; categoria analítica.

TEXTO DO TRABALHO

Trabalhando em uma pesquisa com blocos carnavalescos de rua que fazem seus cortejos na zona norte do Rio de Janeiro, me deparei com a questão da utilização de determinados topônimos associados àquela parte da cidade: *subúrbio* e *periferia*.

No ambiente acadêmico, parece haver prevalência de *periferia* em detrimento de *subúrbio* (veremos à frente uma contextualização desta dominância). No entanto, a proporção entre os usos de um termo e de outro, no caso das análises que focalizam a cidade do Rio de Janeiro, é diferente do que vemos nas utilizações gerais. Em buscas no Portal de Periódicos da Capes, temos uma relação de 1/10 (um artigo que contém o termo *subúrbio* para cada dez que fazem referência à *periferia*)³. No entanto, a proporção cai para 1/2 se a comparação é feita entre as expressões exatas “subúrbio do Rio de Janeiro” e “periferia do Rio de Janeiro”.

Já no uso cotidiano, a proporção parece ser invertida. Na imprensa, podemos notar um sinal disso: em buscas no acervo do jornal O Globo (O GLOBO, 2021), desde 1925 até a atualidade, a expressão “subúrbio do Rio de Janeiro” aparece inúmeras vezes mais que “periferia do Rio de Janeiro”. Esta é encontrada em apenas 195 registros (com mais de 60% dos casos localizados muito recentemente, na década de 2010, sem nenhum

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando da Escola de Comunicação da UFRJ, e-mail: fabianolacombe@gmail.com.

³ Foram 1.292 resultados para *subúrbio* e 13.347 para *periferia* (esse último número cai drasticamente se delimitamos a busca até a década de 1960 – apenas 180 textos encontrados –, período que marca, como apontado por Hiernaux e Lindón [2004], o início da disseminação do emprego da palavra).

registro antes da década de 1970) e aquela aparece quase três vezes mais: 559 entradas (desde a década de 1920 e com largo uso ainda hoje)⁴.

Mesmo que ainda seja preterida como categoria analítica por *periferia*, *subúrbio* detém grande força como categoria nativa. Em alguma medida, podemos afirmar que essa relevância do uso coloquial (refletido não só na imprensa, mas também nas artes e nas falas cotidianas) impõe sua utilização em pesquisas científicas que tratam de análises espaciais cariocas. Ainda assim, algumas perguntas de cunho teórico-metodológico se impõem: *subúrbio* pode ser enquadrada como categoria analítica? Com que acepção?

NA PERIFERIA OU NO SUBÚRBIO?

A etimologia das palavras é um ponto de partida possível para clarear uma diferenciação que nos ajude a optar entre *subúrbio* e *periferia*. O primeiro termo tem relação intrínseca à noção de cidade. A palavra deriva do latim *suburbium* (derivação por acréscimo do radical *urbe*), que significa arredores ou contorno da cidade (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1.784 e CUNHA, 2010, p. 662). Já *periferia* tem seu significado associado à geometria. A palavra remete ao grego *periphérea*, que significa circunferência (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1.474) e apenas em meados do século XX terá seu sentido associado a espaços nas bordas das cidades⁵.

José Barki situa, em texto publicado na Revista da FAU UFRJ dedicada ao tema *subúrbio*, a provável origem da utilização do termo em 620 a.C, ressaltando importância comercial e militar:

provavelmente o mais antigo subúrbio conhecido como tal seja *Ostia*, situada 30 km a oeste de Roma, na foz do rio Tibre. De acordo com a tradição, a localidade foi [re-] fundada, num povoado que existia desde 1400 a.C., pelo quarto rei de Roma, Ancus Marcius, em 620 a.C., como uma *coloniae* dependente de Roma. Era o principal porto (militar e comercial) (BARKI, 2009, p. 30).

⁴ Em buscas no periódico O Estado de São Paulo (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2021), pode-se notar a diferença regional do uso dos termos. Há 2.641 resultados para a expressão exata “periferia de São Paulo” (poucos registros nas décadas de 1950 e 1960, crescimento significativo nas duas décadas seguintes e ampliação do uso no século XXI). Já “subúrbio de São Paulo” aparece apenas 120 vezes.

⁵ Podemos notar essa mesma distinção, que remete à origem das palavras, nos verbetes do Dicionário cartográfico de Cêurio de Oliveira, editado pela primeira vez em 1980. Ali, *periferia* não aparece relacionada à noção de espaço urbano. As definições de *periferia* e *subúrbio* são, respectivamente, “contorno de uma figura curvilínea” (OLIVEIRA, 1993, p. 414) e “área densamente povoada, contígua a uma cidade e, às vezes, chamada periferia urbana” (*Idem*, p. 522).

Em outro ponto da história, no século X, quando houve um rápido crescimento de cidades antigas que, desde o período romano, não eram expandidas, os subúrbios foram novamente nominados. É o que aponta Henri Pirenne, em seu livro sobre cidades da Idade Média. Os comerciantes que não conseguiam espaço nos limitados espaços de intramuros daquelas cidades-fortaleza, “construíram uma cidade fora das muralhas ao lado dela, ou seja, um subúrbio (*forisburgus*, *suburbium*). Este subúrbio é denominado por outros textos também uma cidade nova (*novus burgus*), ao contrário da cidade feudal ou cidade velha (*vetus burgus*) à qual estava ligado” (PIRENNE, 2016, p. 75).

Mumford, por sua vez, aponta a associação do estilo de vida suburbano, na Idade Média, à aristocracia: “o modo de vida suburbano é muito derivado da vida aristocrática de descanso, jogos e consumo que se desenvolveu a partir da existência áspera, belicosa e tenaz da fortaleza feudal” (MUMFORD, 2012, p. 807). A ocupação dos espaços suburbanos, no entanto, não era restrita aos nobres, como explica o autor: “o que antes apenas reis podiam reivindicar agora era prerrogativa de qualquer homem comum que conseguisse se apoderar das terras necessárias” (MUMFORD, 2012, p. 812). Nota-se, contudo, como Raymond Williams, que a categorização *suburbano* tem um significado meramente descritiva no período pré-moderno, adquirindo “conotação social a partir do começo do século XIX” (WILLIAMS, 1989, p. 411).

Tratando do contexto em língua portuguesa e aprofundando o uso no Brasil, Margareth da Silva Pereira, em seu artigo sobre a ideia de *subúrbio*, contido no livro “A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades”, observa que o termo, “por volta das primeiras décadas do século XVIII, com a escrita latina *suburbium*, já figura, em 1712, no *Vocabulário Portuguez e Latino* como sinônimo de 'arrabalde' ou 'arrealde’”⁶ (PEREIRA *apud* BARKI, 2009, p. 26).

Pereira explica ainda que, a palavra *subúrbio* começa a circular de fato no discurso urbano no Brasil na primeira metade do século XIX⁷, mas somente após a proclamação

⁶ De fato, podemos encontrar documentos na Biblioteca Nacional que utilizam o termo já na segunda metade do século XVIII e início de XIX (ver os manuscritos “Carta ao governador Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, solicitando autorização para fazer a capina nos subúrbios daquela vila”, correspondência oficial do Estado de São Paulo, de 1769 [PORTES, 1769] e “Aviso ao conde da Ponte acusando o seu ofício de 7 de abril, sobre os quilombos ou ajuntamentos de negros fugidos nos subúrbios da cidade da Bahia, e aprovando a resolução de destruir os mesmos” [ANÁDIA, 1807]).

⁷ Achamos, também no arquivo da Biblioteca Nacional, edições de mapas que utilizam o termo já em meados do século XIX (ver “Planta da Fazenda do Cristal antiga propriedade de Antonio José da Silva Guimarães nos subúrbios da cidade de Porto Alegre” [COSTA, 1845] e “Plano da planta da cidade e subúrbios do Rio de Janeiro” [MANSO, 1850]).

da república, em fins do século XIX, o termo começa a ser utilizado sistematicamente no Brasil (mesmo que a independência, em 1822, já enseje a utilização de um novo vocabulário associado à administração cidadina), substituindo a palavra mais utilizada até então, *freguesia*:

a organização jurídica e administrativa do Brasil, agora como um novo Império, iria estimular a criação de um vocabulário urbano que visava se distinguir tanto da estrutura colonial quanto da própria fala monárquica. Assim, o país passa a ser dividido em províncias, que por sua vez são divididas em comarcas, compostas por municípios, com suas cidades e vilas. Ora, mesmo com estas mudanças no plano linguístico associadas à nova ordem jurídica e administrativa, a expressão *subúrbio* continua praticamente ignorada no discurso urbano (...) a unidade de repartição das zonas rurais e urbanas dentro de cada município continuaria a ser oficialmente *freguesia*, empregada nos censos, petições, listas eleitorais e na linguagem popular até, pelo menos, a proclamação da República em 1889 (PEREIRA *apud* BARKI, 2009, p. 34).

O sociólogo José de Souza Martins (2008) também aponta menção do termo em levantamento oficial da população da cidade de São Paulo, ainda no século XVIII. Registra-se ainda que, em pesquisa que analisou documentação de viajantes estrangeiros, o historiador Almir Chaiban El-Kareh (2010), demonstra que o uso do termo *arrebalde* era também frequente no século XIX.

Segundo Hiernaux e Lindón (2004), em artigo publicado em revista da Universidad Autónoma del Estado de México, a palavra *arrabal* (*arrebalde* ou *errebalde*, em português) foi comumente utilizada, em países latino-americanos, até o final do século XIX e, em alguns casos, até o início do século XX, por herança europeia (ver HIERNAUX; LINDÓN, 2004 e VILLARREAL, 2014). Ainda segundo Hiernaux e Lindón é possível dizer, de maneira esquemática⁸, que, entre o início e meados do século XX, prevaleceu na América Latina a expressão *subúrbio*. Desde a década de 1970, segundo a autora e o autor, passa a ser mais comum o uso de *periferia*.

Alguns autores (ver SOTO, 2008; VILLARREAL, 2014 e HIERNAUX; LINDÓN, 2004) notam que a utilização da palavra *subúrbio* na América Latina, tem, de início, conotação marcadamente positiva, pois carrega forte influência da utilização desta

⁸ Ressalta-se o fato de que esses termos têm construção de significado complexa e acidentada. Não pretendemos, portanto, passar a ideia de qualquer tipo de construção linear, onde termos são progressivamente ultrapassados. Há diversos fatores que fizeram os significados das palavras serem alargados, sobrepostos ou reduzidos. Mesmo para os que se debruçam no estudo etimológico, muitas vezes, é preciso reconhecer, como Villarreal, por exemplo, que *periferia* evoluiu de um conjunto de associações “difícil de discernir” (VILLARREAL, 2014, p. 484). O que apresentamos aqui, em uma primeira mirada esquemática, são apenas grandes tendências. Em um segundo momento, analisaremos com minúcias o caso particular da utilização de *subúrbio* Rio de Janeiro.

em língua inglesa – *suburb*. O urbanista Constantino Mawromatis Pazderka explica, em trabalho que analisa o caso Chileno, que, como alternativa ao crescimento das cidades americanas, o bairro suburbano nos EUA “representava um ideal de vida, oferecendo segurança, um ambiente limpo, segregado e próximo à natureza” (MAWROMATIS PAZDERKA, 2002, p. 2). Ideais que, como vimos, remontam à utilização do topônimo já na Idade Média.

Assim, o topônimo subúrbio surge na América Latina como expressão dos processos de concentração territorial (fortemente impactadas pela chegada de migrantes no início do século XX) e opção às sobrecarregadas e precárias moradias adjacentes aos centros das cidades. O subúrbio transforma-se em uma alternativa para os moradores das cidades que, desta forma, como argumentam Hiernaux e Lindón, permitiu sustentar a ilusão, à diferentes classes sociais, do *direito à cidade*:

embora o subúrbio seja um fenômeno urbano desencadeado e acelerado por processos econômicos, na América Latina - seguindo o modelo americano -, ele é envolto por conotações culturais: o ideal de um modo de vida em contato com a natureza, fora da insegurança dos centros poluídos e povoados por uma enorme diversidade de sujeitos sociais (HIERNAUX; LINDÓN, 2004, p. 109).

A autora e o autor indicam, tendo como referência ao trabalho de Emile Le Bris, que se concretiza, então, para essa população, uma nova matriz espaço-temporal, “relacionada com questões básicas como o deslocamento entre o local de trabalho e o local de residência, bem como com aquela especialização funcional do espaço urbano, que o recém-chegado supunha ser um modo de vida radicalmente diferente do conhecido” (HIERNAUX; LINDÓN, 2004, p.110).

Entre os anos 1960 e 1970, o pensamento crítico na América Latina introduz uma nova leitura do espaço em que ganha vulto a dicotomia centro/periferia como eixo de análise. Este posicionamento tinha forte viés econômico e designava a dicotomia entre dominantes e dominados, pobres e ricos, ou, ampliando a escala, países desenvolvidos e subdesenvolvidos. A conjunção da herança geométrica aliada à ênfase na clivagem socioeconômica molda, assim, o significado para a palavra *periferia*: a circunferência externa da cidade (zona de expansão, diferenciada das áreas rurais) na qual estão os pobres, os oprimidos. A autora e o autor afirmam que “os estudos urbanos a partir dos anos 1970 tenderam a assimilar a periferia como o local de residência dos setores populares, ou seja, oprimidos pelo capitalismo” (HIERNAUX; LINDÓN, 2004, p.111).

Surge, assim, uma visão particular da periferia, identificada “com certas formas de viver onde morfologia e precariedade, senão miséria, se unem à localização afastada do centro” (*Idem*, p. 113). No mesmo sentido, Villarreal (outro colaborador da coletânea “A aventura das palavras da cidade...”, com artigo sobre o termo *periferia*) observa que “na sociologia urbana marxista - a palavra *marginal* passou a ser substituída pela palavra *periférica*, passando por uma mudança semântica que impossibilitou a distinção entre distância geográfica e distância socioeconômica” (VILLARREAL, 2014, p. 485).

Periferia acaba por se tornar amplamente utilizada não só nos trabalhos acadêmicos, mas também no vocabulário da imprensa, no discurso político institucional, nas artes, ou no uso coloquial, na própria autodefinição dos habitantes locais. Especialmente nas produções acadêmicas, seja pelo apelo teórico crítico, seja pela utilização que abarca diferentes escalas (do espaço citadino ao global), *periferia* aparece, como vimos, desde fins do século XX, em uma proporção marcadamente maior quando comparada a *subúrbio*.

Nota-se ainda que, no uso do termo *periferia*, tão fortemente associado à pobreza, há fatores que se influenciam mutuamente: a reflexividade (e auto reflexividade) opera no sentido de, ao nomeá-la *periferia* (carregada de significados), constituí-la. Pode-se dizer, como Villarreal, que os usos acabam impregnando um caráter estigmatizante ao termo (VILLARREAL, 2014). Hiernaux e Lindón (2004) lembram que a periferia, como sinônimo de pobreza, passou a ser vocalizada não só no discurso intelectual, mas também em discursos populistas, no cenário político-institucional.

A despeito da *periferia* ser claramente complexa e heterogênea⁹ – seja pela distribuição espacial (nem sempre nas bordas geográficas da cidade), pelas atividades, pessoas, pelos bens ou imaginários –, ocorre uma redução semântica da palavra na associação à ideia de pobreza. Neste sentido, entendemos, como Hiernaux e Lindón (2004), que os estudos que enfocam a cidade devem incorporar a complexidade do fenômeno da *periferia* (ou do *subúrbio*, já que, como veremos, também é utilizado com sentido análogo) questionando dimensões redutoras que foram associadas à periferia e

⁹ Hiernaux e Lindón lembram ainda que a expansão das periferias das cidades latino-americanas ocorre ao mesmo tempo em que os ditos centros também “perdem não só sua burguesia, mas também muitas funções centrais, aquelas que os tradicionais economistas urbanos e geógrafos identificaram como paradigmáticas de centralidade” (HIERNAUX; LINDÓN, 2004, p. 116). Ou seja, as noções de centro e periferia, relacionais (uma como antítese da outra), estão sempre sendo moldadas. Como lembra Herschmann, elas são atravessadas “pelos constantes agenciamentos, pelos diferentes sentidos e significados construídos ininterruptamente pelos indivíduos” (HERSCHMANN, 2018, p. 130).

também o peso geométrico. É preciso dar protagonismo ao sujeito que vive e faz a periferia estando atento às dinâmicas que ali se desdobram constantemente.

NA CONTEMPORANEIDADE

É possível afirmar, como o geógrafo Álvaro Domingues, em artigo na Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que tanto *subúrbio* quanto *periferia* são, na contemporaneidade, usados largamente “de uma forma negativa e relativizada, isto é, por contraposição a um centro” (DOMINGUES, 1994/5, p. 5) e que o subúrbio é “uma das variantes da condição periférica, normalmente contextualizada num padrão de urbanização que atingiu uma escala dimensional alargada” (DOMINGUES, 1994/5, p. 5-6).

Nesse sentido, é importante ressaltar, como faz Domingues (1994/5), que não há consenso universal (ou rigor) nas definições dos termos. Especialmente no caso de *subúrbio*, cuja polissemia é tão larga que abrange definições antagônicas: pode estar associado a características que vão desde a precariedade e a marginalização social (em cidades brasileiras, por exemplo) até o luxo (em cidades americanas). Para além da dicotomia pobreza *versus* riqueza, é possível ainda perceber que o termo subúrbio está associado a espaços que têm diferenças quanto às regulações de seus funcionamentos e/ou crescimento: há planejamentos estatais (localidades como nas as construções francesas financiadas pelo poder público, HLM - “*Habitation à Loyer Modéré*”); há outras em que prevalece a regulação liberal e mercantil (seja nos EUA ou mesmo no Brasil); ou mesmo aquelas marcadas, recentemente, pela entrada na construção civil de grupos criminosos armados (as milícias, em algumas áreas do Rio de Janeiro).

A utilização menos usual do termo *subúrbio* em textos acadêmicos, como notada acima, pode ser interpretada como consequência de um difícil manejo, dada sua polissemia, e de um sentido político não manifesto. Ao mesmo tempo, não tendo presença marcante no discurso intelectual, a palavra *subúrbio* acaba gerando menos debate neste ambiente, fechando um círculo vicioso que pode inibir sua valorização como categoria analítica.

Não obstante, há, no trabalho de José de Souza Martins (2008), provocações que podem ajudar na afirmação da categoria. Analisando o caso paulista, Martins aponta que o *subúrbio* surge da difusão de atividades urbanas e da ampliação do número de

moradores, representando “uma nova concepção do espaço que nele vê as variações de um estilo, de uma vida com estilo, da vida vivida, de certo modo, como obra de arte, preocupada com os adornos e os detalhes, a beleza do insignificante” (MARTINS, 2008, p. 44). Presta-se então, em seu surgimento, ao papel de amortecedor entre discontinuidades bruscas da espacialidade e, sendo assim, é, em alguma medida, indefinida: uma realidade espacial intermediária entre a cidade e o campo, entre o trabalho e o desfrute, “liminar e híbrida e sem sentido porque indefinida” (MARTINS, 2008, p. 45). Por conta deste histórico, Martins defende que, o *subúrbio* hoje é o lugar em que o passado rural, de algum modo, sobrevive no urbano.

Criticando a ideia de *periferia* (e seu uso populista), Martins argumenta que *subúrbio* deve ser diferenciado por não ser exatamente o fruto de uma “urbanização patológica”. Periferia seria, então, a vitória da renda sobre a cidade e a urbanização, “espaços caracterizados pela urbanização patológica, pela negação do propriamente urbano (...) negação das promessas transformadoras, emancipadoras, civilizadoras e até revolucionárias do urbano, do modo de vida urbano e da urbanização” (*Idem*, p. 50). Já o subúrbio, seria “o espaço da ascensão social, diferente da periferia, que é o espaço do confinamento, nos estreitos limites da falta de alternativas de vida” (*Idem*, p. 51). O *subúrbio*, assim, não é reduzido a estigmas, mas sim

o lugar em que as ideologias são questionadas e desafiadas, na prática. (...) No subúrbio, a memória não se reduz lembrança do sofrimento, como aparece na história acadêmica da classe operária. A memória é também a memória do prazer do trabalho e da alegria, dos momentos de alegria, que dão sentido ao trabalho e às privações dele decorrentes” (*Idem*, p. 59).

Mesmo que constatemos que a realidade dos espaços que Martins usa como exemplo, como São Caetano, em São Paulo, sejam diferentes do que observamos no subúrbio carioca (onde talvez seja menos nítido o lado de “ascensão social” por ele analisado), entendemos que podemos partir de suas provocações para demarcar balizas que ofereçam ao termo uma estrutura de categoria analítica manejável e potente.

Em sintonia com Martins, não nos interessa, um uso de *subúrbio* associado a certa ideia de *periferia*, marcadamente dicotômica (em par com o *centro*), pouco nuançada, e encerrada na pobreza ou precariedade. Obviamente também há esta face no subúrbio. Mas não pretendemos partir dela, ter ela *a priori* na análise. Entendemos, como Ribeiro, que o “dualismo atua no campo de forças estratificantes e segregadoras na cidade” (RIBEIRO,

2016, p. 10). Ao passo que *subúrbio*, tendo em sua origem a designação de espaço de borda, ou entre-espacos, nem sempre com conotação negativa, presta-se a descrever melhor complexidade e hibridismos. Composto por uma população que, para além da crítica ou denúncia de suas mazelas, reconhece (artisticamente inclusive) seu orgulho de estar ali, o *subúrbio* é espaço cuja herança difusa, entre rural e urbano, alicerça um enredamento social específico. O *subúrbio* é onde as transformações emancipadoras, civilizadoras do urbano (da presença do transporte público às salas de shows musicais) são reivindicadas, junto a um protagonismo histórico (devir-suburbano) que não é moldado monumentalmente, como em outros espaços, mas sim na miudeza da vida do cotidiano.

NO RIO DE JANEIRO

O discurso acadêmico tido como pioneiro sobre a categoria *subúrbio carioca*, é o de Maria Therezinha de Segadas Soares (FERNANDES, 2011; GUIMARÃES; DAVIES, 2018; TORRES, 2017 e 2018). Em fins da década de 1950, a geógrafa é a primeira ressaltar que o termo *subúrbio*, no uso cotidiano do Rio de Janeiro, tem também sentido depreciativo, associado à classe trabalhadora, “que inclui não só uma ideia de recursos financeiros mais limitados, mas também um certo gênero de vida peculiar (...) com uma certa reminiscência rural, exercidas por pessoa que trabalha na cidade ou por seus dependentes” (SOARES 1990b, p. 142).

Podemos destacar ainda o trabalho de Lysia Maria Cavalcanti Bernardes (1990), que, em seu artigo de 1968, já apontava a dificuldade definir fronteiras, dado que características “gerais da faixa suburbana não se repetem uniformemente em toda a sua extensão. Seus limites com a zona urbana são imprecisos e difusos, e as características suburbanas se diluem” (BERNARDES, 1990, p. 147). A utilização do termo, de fato, é imprecisa e móvel, acompanhando as mudanças no tecido urbano¹⁰, não definindo uma área geográfica, nem jurídica ou administrativa. Sendo pouco útil a demarcação de fronteiras georreferenciadas do espaço em análise, não obstante, é possível associar sim a certos espaços (e não outros), sempre com fronteiras borradas, a noção de subúrbio.

¹⁰ Muitas áreas já foram e deixaram de ser denominadas *subúrbio* no Rio de Janeiro. Bairros como Catumbi, Catete, Botafogo, Gávea e mesmo espaços fora dos limites do município já foram tidos como suburbanos pelos poderes públicos e/ou pelos cidadãos (ver SOARES, 1990b e BERNARDES, 1990).

O trabalho de Guimarães e Davies (2018), que faz larga revisão bibliográfica nas ciências sociais, aponta para tendências de resignificação da categoria *subúrbio carioca*¹¹. Além de citar Soares (1990a e 1990b), Guimarães e Davies apontam outra seminal e pioneira pesquisa, na geografia: a de Maurício de Abreu (2006). No início dos anos 1970, Abreu simbolizou uma virada nos estudos geográficos, indo além das análises até então predominantemente descritivas da morfologia urbana, articulando teorias marxistas e privilegiando dinâmicas territoriais e econômicas da cidade. Já ao final da década de 1970, no entanto, Guimarães e Davies mostram que o termo subúrbio passou a ser operado de modo diferente. Sem abandonar as teses marxistas, os trabalhos denotam insatisfação quanto às grandes explicações estruturais e revelam contradições, matizes e complexidades. Apontando o movimento, já aqui descrito, de progressiva substituição do termo *subúrbio* por *periferia* na academia, desde a década de 1970, a dupla de autores mostra que, nos trabalhos que ainda utilizavam o primeiro termo, tiveram ressonância as ideias que davam mais ênfase “epistemológica e política aos aspectos da ‘diferença cultural’ do que às dimensões da ‘desigualdade social’”. (...) Pesquisas que articulavam a ideia de que haveria uma cultura e uma forma de sociabilidade próprias aos bairros do subúrbio [carioca]” (GUIMARÃES, DAVIES, 2018, p. 463). Assim, temas como relações de vizinhança ou cenas artísticas populares jovens passam a ser valorizados e investigados. Nota-se nesses trabalhos as possibilidades de diferenças de *éthos*, pertencimento e identidade entre moradores da cidade e “uma variedade de percepções e experiências associadas ao entendimento dessa categoria, prenunciando, de certo modo, as múltiplas potencialidades discursivas articuladas ao ‘subúrbio carioca’” (*Idem*, p. 466).

Guimarães e Davies apontam ainda outros temas que se sobrepõem, deslizam e estabelecem diálogo com as significações anteriores de *subúrbio carioca*, desde a década de 1980 até o século XXI. No contexto da redemocratização brasileira, surgem trabalhos que apresentam temas que buscam um contraponto discursivo às falas que estigmatizavam espaços e grupos jovens. Criticava-se, ao mesmo tempo, as noções de “desvio”, “delinquência” e “marginalidade”, associadas a jovens; e a visão, comum à época, de “cidade partida”¹². Mais recentemente, na virada do século, no contexto do início de

¹¹ Quase todos os trabalhos analisados por Guimarães e Davies utilizam o termo subúrbio associado à cidade do Rio de Janeiro. Há apenas uma exceção: o trabalho de José de Souza Martins (2008), que analisa, como vimos, o caso paulista.

¹² O termo foi popularizado na década de 1990 pelo livro homônimo do jornalista Zuenir Ventura. Análoga a divisão dicotômica de “morro” e “asfalto”, a ideia de “cidade partida” é que há duas cidades, cindidas por profundas disparidades sociais.

grandes transformações urbanas no Rio de Janeiro, são destacadas em diferentes trabalhos as dinâmicas do subúrbio carioca em meio às disputas de sentidos “entre planejadores urbanos, agentes financeiros, mercado imobiliário, agitadores culturais” (*Idem*, p. 469). Nestas pesquisas, houve destacada preocupação em mostrar a atuação de diversos tipos de agentes mediadores junto aos suburbanos, produzindo análises que davam destaque às possibilidades de deslocamento do termo. Em paralelo, pesquisas que enfocavam o universo cultural ligado ao samba, ofereciam “novos olhares sobre as noções de moderno/tradicional atreladas a esse território e a sua população” (*Idem*, p. 470).

Podemos acrescentar (Guimarães e Davies também o fazem) outras abordagens relacionadas ao subúrbio carioca que focalizam gênero (SOUZA, 2003; SANTOS, 2010; NASCIMENTO, 2006), relações raciais (SILVA, 2008) ou interseccionais (BIZARRIA, 2019). Ampliando a escala de observação para múltiplos campos disciplinares, podemos notar ainda outro enfoque recorrente: o imaginário associado à categoria reverberado na música (RIBEIRO, 2003; DIAS, 2016), literatura (FACINA, 2002; SCHWARCZ, 2017) e imprensa (MENDONÇA, 2015; MATHEUS, 2016).

Na comunicação, buscamos também os estudos recentes¹³ que utilizam a categoria *subúrbio* especificamente em pesquisas na cidade do Rio de Janeiro¹⁴. Dos poucos trabalhos encontrados, podemos notar que há um destaque para imaginários ligados ao subúrbio carioca, criados ou reverberados por diferentes mídias, como cinema (FERRAZ, 2014); televisão (IORIO, 2012); jornais (MATHEUS, 2016); rádio (LAIGNIER, 2013) e redes sociais (NEUSTADT, 2019) e anúncios publicitários (BELART; CABRAL, 2018). Destas, as pesquisas de Ferraz (2014) e Laignier (2013), têm ênfase no trabalho de campo para analisar sociabilidades na área pesquisada. Outros que também vão a campo, analisando sociabilidades criadas em festas, são Chao (2015) e Oliveira (2015). Por fim, Chao e Maia (2014) fazem um levantamento bibliográfico do conceito de subúrbio.

¹³ Procuramos pelos termos subúrbio e suburbano(a) em título e resumos (quando disponíveis) em repositórios online.

¹⁴ Foram consideradas as teses e dissertações dos programas de pós-graduação da UFRJ (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura [PPGCOM]), da UERJ (Programa de Pós-Graduação em Comunicação [PPGCom] e Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas [PPGECC]) e da UFF (Programa de Pós-Graduação em Comunicação [PPGCOM]); Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades [PPCULT] e Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano [PPGMC]). Buscamos também artigos nas revistas acadêmicas associadas a alguns desses programas: Revista ECO-Pós, Logos, Contracampo, Pragmatizes, Mídia e Cotidiano. Por fim, procuramos ainda trabalhos nos anais dos encontros do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Seminário de Alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio (PÓSCOM) e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das balizas estabelecidas por Martins e observando o caso específico das inserções da categoria *subúrbio*, associada ao Rio de Janeiro, entendemos que a utilização do termo como categoria analítica é bastante consolidada e potente. Mesmo que os usos de periferia ainda sejam dominantes – e sem querer diminuir a potência política do uso deste (ressalvada a atenção às complexidades, como notado acima) –, entendemos que há casos, como a pesquisa em blocos de rua citada no início deste texto, em que a categoria subúrbio pode ter rendimento melhor e encaixe com a larga utilização popular, como categoria nativa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Instituto Pereira Passos, 2006.
- BARCKI, José. **Algumas considerações sobre o subúrbio**. Revista da FAU UFRJ Número 2. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- BELART, Victor; CABRAL, Andressa. **Subúrbio *experience*: A cidade das gambiarras, becos e improvisado como ferramenta de branding**. Anais do XV Poscom PUC-Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2018.
- BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. **A Faixa Suburbana**. In.: BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: Cidade e região. Rio de Janeiro, Secr. Mun. Cultura - Dep. Geral de Doe. e Inf. Cultural, 1990.
- BIZARRIA, Leila. **Aventura das classes educadoras: interseccionalidade, hegemonia e processos extraescolares em um bairro operário da cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, PPGE, 2019.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Lexikon, 2010.
- DIAS, Haroldo Athos de Sousa. **Quase famosos: a difusão do movimento underground e as bandas independentes no Rio de Janeiro**. Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, v. 13, n. 2. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 2016, p.07-23.
- DOMINGUES, Álvaro. **(Sub)úrbios e (sub)urbanos - o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?** Revista da Faculdade de Letras - Geografia I Série, Vol. XIXI, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994/5, pp. 5-18.

EL-KAREH, A. C. **Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX**. In.: OLIVEIRA, Márcio Piñon; FERNANDES, Nelson da Nóbrega. 150 anos de subúrbio carioca. Rio de Janeiro, Lamparina, EdUFF, 2010.

FACINA, Adriana. **Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

_____. **O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)**. Rio de Janeiro, Apicuri, 2011.

FERRAZ, Talitha Gomes. **Espectação cinematográfica no subúrbio carioca da leopoldina: dos "cinemas de estação" às experiências contemporâneas de exibição**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ, 2014.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio; DAVIES, Frank Andrew. **Alegorias e deslocamentos do “subúrbio carioca” nos estudos das ciências sociais (1970-2010)**. Revista Sociologia & Antropologia, v.08.02, mai–ago. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018, p. 457-482.

HERSCHMANN, Micael. **Das Cenas e Circuitos às Territorialidades (Sônico-Musicais)**. Revista Logos 49 vol 25 n 01. Rio de Janeiro, PPGCOM UERJ, 2018.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. **La periferia: voz y sentido en los estudios urbanos**. Papeles de Población, vol. 10 nº. 42. Cidade do México, Universidad Autónoma del Estado de México, Centro de Investigación y Estudios Avanzados de la Población, 2004, p. 101-123.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

IORIO, Patrícia de Miranda. **“Avenida Brasil” e o Subúrbio Carioca: apontamentos para um estudo sobre a telerrealidade na narrativa ficcional televisiva**¹. Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom. Fortaleza, Intercom, 2012.

LAIGNIER, Pablo. **Do funk fluminense ao funk nacional: o grito comunicacional de favelas e subúrbios do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio e periferia, antinomias do urbano**. In: _____. A aparição do demônio na fábrica. São Paulo, Editora 34, 2008, p. 43-62.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **A imprensa dos subúrbios (1900-1920)**. Revista Contracampo, v. 35, n. 03. Niterói, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, 2016.

MAWROMATIS PAZDERKA, Constantino. **Movilidad en los suburbios dispersos y el Nuevo Urbanismo en los Estados Unidos de América: ¿Importación irreflexiva desde Chile?** Revista de Urbanismo N°5. Santiago, Universidad de Chile, 2002.

MENDONÇA, Leandro Climaco Almeida de Melo. **Nas margens dos trilhos, da cidade e do poder: imprensa suburbana na cidade do Rio de Janeiro, 1880-1940**. Revista Escritas, Vol. 7, n.1. Palmas, UFT, 2015.

MUMFORD, Lewis. **La ciudad en la historia: sus orígenes, transformaciones y perspectivas**. La Rioja (Espanha), Pepitas de calabaza, 2012.

NASCIMENTO, Mila Burns. **Nasci para sonhar e cantar. Gênero, projeto e mediação na trajetória de Dona Ivone Lara**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PPGAS/UFRJ, 2006.

NEUSTADT, Mônica Nunes. **Do subúrbio para a zona sul: venda da famosa batata de Marechal em gastrobar de Botafogo cria polêmica na rede**. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém, Intercom, 2019.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Acervo Estadão**. <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso em 16/01/2021.

O GLOBO. **Acervo O Globo**. Disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/> Acesso em 16/01/2021.

OLIVEIRA, Cêurio de. **Dicionário cartográfico**. Rio de Janeiro, IBGE, 1993.

OLIVEIRA, Luiz Paulo Leal de. **Caminhos do subúrbio carioca**. Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ, 2015.

PIRENNE, Henri. **Las ciudades de la Edad Media**. Rafowich, 2016.

POUNDS, Norman John Greville. **The medieval city**. Westport (EUA), Greenwood Press, 2005.

RIBEIRO, Ana Paula Alves. **Samba são pés que passam fecundando o chão... Madureira: sociabilidade e conflito em um subúrbio musical**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UERJ, 2003.

RIBEIRO, Rodrigo Cunha Bertamé. **Rizomas suburbanos: possíveis ressignificações do topônimo subúrbio carioca através dos afetos**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.

SANTOS, Rolf Ribeiro dos. **O lazer agonístico: como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, PPGA/UFF, 2010.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Da minha janela vejo o mundo passar: Lima Barreto, o centro e os subúrbios**. Revista Estudos Avançados v. 31 n. 91. São Paulo, USP, 2017, p. 123-142.

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PPGSA/UFRJ, 2008.

_____. **A integração do recôncavo da Guanabara na área metropolitana do Grande Rio de Janeiro**. In.: BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: Cidade e região. Rio de Janeiro, Secr. Mun. Cultura - Dep. Geral de Doe. e Inf. Cultural, 1990a.

_____. **Divisões Principais e Limites Externos Do Grande Rio de Janeiro**. In.: BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: Cidade e região. Rio de Janeiro, Secr. Mun. Cultura - Dep. Geral de Doe. e Inf. Cultural, 1990b.

SOTO, William Héctor Gómez. **Subúrbio, periferia e vida cotidiana**. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, v. 16, n. 1, Rio de Janeiro, UFRRJ, 2008, p. 109-131.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **A confraria da esquina. O que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando: etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca**. Rio de Janeiro, Bruxedo, 2003.

TORRES, Pedro Henrique Campello. **Uma Avenida Chamada Brasil: expansão e consolidação do Rio de Janeiro suburbano**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2017.

_____. **Avenida Brasil – Tudo Passa Quem Não Viu?** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais v.20 n.2, 2018. São Paulo, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2018, p. 287-303.

VILLARREAL, Claudia Zamorano. **Periferia**. In.: TOPALOV, Christian; BRESCIANI, Stella; LILLE, Laurent Coudroy de; D'ARC, Hélène Riviere (org.) A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades. São Paulo, Romano Guerra Editora, 2014, p. 480-488

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.